

## Baía, Rio de Janeiro e Pernambuco: três palcos para uma festa da Companhia de Jesus (1609-1610)

Baía, Rio de Janeiro and Pernambuco: three stages for a Society of Jesus festival (1609-1610)

Bahía, Río de Janeiro y Pernambuco: tres escenarios para una fiesta de la Compañía de Jesús (1609-1610)

Maria João Pereira Coutinho\* <https://orcid.org/0000-0001-9323-3345>

**Resumo:** O presente estudo incide sobre as festas de beatificação de Inácio de Loyola no Brasil, ocorridas em 1610. Partimos da análise crítica de quatro relatos manuscritos inéditos, um da Baía, outro do Rio de Janeiro e dois de Pernambuco. O principal objectivo da abordagem destas fontes foi reflectir em torno de questões como: a apropriação de modelos europeus, a importação de cultura material e a adequação a paradigmas locais. Analisei cada uma destas celebrações a partir de três eixos estruturantes: a) o dos agentes culturais; b) o dos programas: traçados na Europa e finalizados no Brasil e, finalmente, c) o dos rituais de sociabilização. Partindo destes casos particulares, desenvolvi ainda uma leitura comparativa das diferentes festas.

**Palavras-chave:** Beatificação de Inácio de Loyola; Festas; Jesuítas no Brasil; Séc. XVII; Cultura material.

**Referências espaciais e temporais:** Brasil; Baía; Rio de Janeiro; Pernambuco; Século XVII.

**Abstract:** The present study focuses on the beatification celebrations of Ignatius of Loyola in Brazil, which took place in 1610. We started from the critical analysis of four unpublished manuscript accounts, one from Baía, another from Rio de Janeiro and two from Pernambuco. The main objective in approaching these sources was to reflect around questions such as: the appropriation of European models, the importation of material

---

\* Centro Científico e Cultural de Macau, I.P.; Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Email: [mj.coutinho@cccm.gov.pt](mailto:mj.coutinho@cccm.gov.pt); [mjpereiracoutinho@gmail.com](mailto:mjpereiracoutinho@gmail.com).

culture and the adaptation to local paradigms. I analysed each of these celebrations from three structuring axes: a) that of the cultural agents; b) that of the programmes: outlined in Europe and finalized in Brazil and, finally, c) that of the socialization rituals. Based on these cases, I also developed a comparative reading of the different festivals.

**Keywords:** Beatification of Ignatius of Loyola; Festivals; Jesuits in Brazil; 17th century; Material culture.

**Spatial and temporal references:** Brazil; Bahia; Rio de Janeiro; Pernambuco; 17th century.

**Resumen:** Este estudio se centra en las celebraciones de beatificación de Ignacio de Loyola en Brasil, que tuvieron lugar en 1610. Comenzamos analizando críticamente cuatro relatos manuscritos inéditos, uno de Bahía, otro de Río de Janeiro y dos de Pernambuco. El objetivo principal del análisis de estas fuentes fue reflexionar sobre cuestiones como la apropiación de modelos europeos, la importación de cultura material y la adaptación a paradigmas locales. Analicé cada una de estas celebraciones siguiendo tres líneas estructurales: a) los agentes culturales; b) los programas: elaborados en Europa y finalizados en Brasil y, por último, c) los rituales socializadores. A partir de estos casos particulares, desarrollé también una lectura comparativa de las distintas fiestas.

**Palabras clave:** Beatificación de Ignacio de Loyola; Fiestas; Jesuitas en Brasil; Siglo XVII; Cultura material.

**Referencias espaciales y temporales:** Brasil; Bahía; Río de Janeiro; Pernambuco; Siglo XVII.

**Recibido:** 10-03-2025. **Aceptado:** 22-09-2025. **Publicado:** 01-12-2025.

### **Maria João Pereira Coutinho**

Maria João Pereira Coutinho é doutora em História (especialidade em Arte, Património e Restauro), pela Universidade de Lisboa. Desempenha funções de Assessora da Presidência no Centro Científico e Cultural de Macau e é membro integrado do Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa / IN2PAST – Laboratório Associado de Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território, onde desenvolveu a investigação "Arquitectura, escultura e ornamento: transferências artísticas no contexto das obras da Assistência Portuguesa (S.I.) nos sécs. XVI-XVIII" [DOI: 10.54499/DL57/2016/CP1453/CT0046], financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito da Norma Transitória – [DL 57/2016/CP1453/CT0046].

Cómo citar: **Pereira Coutinho**, M. J. (2025). Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco: três palcos para uma festa da Companhia de Jesus (1609-1610). *IHS. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica*, N° Extraordinario 2, 1-24. DOI: <https://doi.org/10.31057/2314.3908.v.50940>.



Obra protegida bajo Licencia Creative Commons Atribución: **No Comercial** /  
**Compartir Igual** (*by-nc-sa*) <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/index>

## Introdução

A 27 de Julho de 1609 o Papa Paulo V (1550-1621) consagrou a beatificação de Inácio de Loyola (1491-1556), após as várias diligências que o rei Filipe II (1527-1598) de Espanha havia desenvolvido, desde a morte do principal fundador da Companhia de Jesus, junto da Santa Sé. Rapidamente o *Breve* da beatificação chegou, a partir da casa-mãe da Companhia de Jesus, em Roma, às diversas Assistências, que, por sua vez, imediatamente o reencaminharam para as diversas Províncias, assumindo cada uma destas a tarefa de celebrar esse acontecimento (Alden, 1996).

Embora não exista um estudo sistemático sobre esta celebração da Companhia de Jesus<sup>1</sup>, são várias as fontes manuscritas, ainda por explorar, que fornecem elementos sobre as festas que então se realizaram em cidades espanholas, tais como Madrid, Múrcia, Segóvia, Sevilha e Toledo. Estas conservam-se na Real Academia de la Historia (Madrid) e continuam a merecer um estudo de conjunto, que avance relativamente à sua simples identificação (Buezo, 1993). Embora não constitua propriamente um relato destas festas, deverá referir-se ainda pela sua importância o manuscrito de Diego Lainez (1512-1565), de 1547 (Albuquerque, 2005), hoje considerado como a primeira síntese biográfica sobre a vida de Inácio de Loyola e uma importante fonte iconográfica, indispensável para a recriação de cenas pictóricas e performativas<sup>2</sup>.

Além das fontes manuscritas, assinalem-se, ainda, as relações impressas das festas de Granada, Salamanca, Valladolid e Sevilha (*Relacion de la Fiesta ... de Granada*, 1610; Salazar, 1610; Sossa, 1610 e *Relacion Svcinta ... de Seuilla*, 1610). Fora de Espanha, registre-se a de Cuzco (Perú) (*Relacion de las Fiestas ... del Cuzco*, 1610). Todas estas narrativas confirmam a existência de um modelo de festa, que será possível reconhecer nas festas realizadas no Brasil, aqui em análise, e nas de outros santos da Companhia<sup>3</sup>.

Relativamente às festas no contexto da Assistência Portuguesa há notícia das da beatificação de Inácio de Loyola terem sido realizadas em diversos pontos da Província de Portugal que incluía Cabo Verde e Angola, mas também na Província Malabárica e na Província do Brasil. No caso da Província Malabárica, as celebrações foram realizadas em Goa e Cochim. No Brasil, as festas decorreram na Baía, no Rio de Janeiro e em

---

<sup>1</sup> Devem, no entanto, ser referidas, por mencionarem ou contextualizarem o tema desta beatificação algumas publicações (*The Life of St. Ignatius Loyola*, 1849, pp. 245-257; González, 1991, pp. 461-477; O'Malley, 2013, pp. 257-259; Levy, 2004, pp. 127-130; Arellano, 2008; Leone, 2010, pp. 23-25 e Cremades et al, 2016).

<sup>2</sup> Concomitantemente, devem ser identificadas algumas das fontes impressas produzidas e os autores que estiveram directa, ou indirectamente, ligados ao processo da beatificação, ou que a ele se reportaram. Assinale-se, desde logo, a publicação da biografia do fundador da Companhia por Pedro de Ribadaneyra, redigida em latim em 1572 e publicada em 1599, como apêndice do *Flos Sanctorum* (Ribadaneyra, 1599), e a edição da *Vita Beati P. Ignatii Loiolae Societatis IESV Fvndatoris*, em 1609 (Ribadaneyra, 1609), com gravuras de Peter Paul Rubens (1577-1640) (Sobral, 2004), ambas responsáveis quer pela difusão da sua vida, quer pela disseminação de um programa visual que posteriormente também foi aplicado na pintura e em outras artes pictóricas.

<sup>3</sup> Francisco Xavier foi beatificado em 1619 e canonizado em 1622; Francisco de Borja foi beatificado em 1624 e canonizado em 1670; Luís Gonzaga e Estanislau Kostka foram beatificados em 1605 e 1670 e duplamente canonizados em 1726 e Francisco Régis foi beatificado em 1716 e canonizado em 1737.

Pernambuco<sup>4</sup>. Estas últimas celebrações nunca foram identificadas ou alvo de estudo, daí terem sido escolhidas para serem abordadas neste texto, a partir dos seus relatos inéditos.

Nestes três espaços atlânticos - Baía, Rio de Janeiro e Pernambuco - os residentes dos colégios e de outras casas da Companhia foram requisitados para organizarem as festas da beatificação de Santo Inácio de Loyola. Estas decorreram em terra e no mar. Importa sublinhar que as narrativas específicas destas festas religiosas são quase inexistentes para o início do séc. XVII, pelo que se assume da maior relevância a análise dos relatos inéditos mencionados. Cada uma das celebrações é, pois, analisada individualmente, a partir de três eixos estruturantes: a) o dos agentes culturais, b) o dos programas e c) o dos rituais de sociabilização.

Por fim, quanto aos manuscritos que iremos analisar, importa problematizar a sua autoria, já que sendo textos anónimos reflectem, ainda assim, estilos de escrita distintos e critérios diferenciados de organização. Os relatos das celebrações realizadas na Baía e no Rio de Janeiro não se encontram divididos em partes e parece terem sido escritos por autores que os testemunharam presencialmente, podendo ter sido elementos da própria comunidade. Bastará atentar em algumas expressões que indiciam esta realidade: “porque as nouas que aquy chegarão [ao Rio de Janeiro] de sua Beatificação nos tomarão de sobressalto” e “no qual tambem os *Padres Bentos* [da Baía] pretenderão igualar-nos”. Quanto aos textos de Pernambuco, o primeiro destaca-se por se encontrar dividido em oito capítulos. Tal poderá indicar que este manuscrito poderá ter sido preparado para ser publicado<sup>5</sup>. Muito provavelmente terá sido redigido por um jesuíta, pois apresenta expressões como “mouendo nos a fazer esta breue relação pera edificação nossa, mostrando o *quam* obrigados estamos *com* tantas festas aos moradores desta terra [Pernambuco]” e diversas referências “ao *Nosso Beato Patriarcha*”.

### Baía: festas na terra de “*Todos-os-Santos*”

As festas da Baía (Figura 1) foram as primeiras desta comemoração que tiveram lugar no Brasil. Iniciaram-se a 20 de Fevereiro de 1610 e ocorreram no espaço do primeiro colégio, fundado no séc. XVI pelo padre Manuel da Nóbrega (1517-1570). Esse edificado foi, numa primeira fase, rapidamente construído, por forma a que se pudessem celebrar os *Ofícios Divinos*, e, num segundo momento, foi paulatinamente acrescentado, estando já devidamente implementado no início da centúria de Seiscentos.

Apesar de não sabermos muitos pormenores sobre a sua distribuição espacial, compreendemos que o complexo era dotado de uma ampla igreja, onde decorreu o cerimonial. Aí se fizeram armações com sedas e outros têxteis, de forma a equilibrar os

---

<sup>4</sup> ANTT, *Manuscritos da Livraria*, N.º 486. Doravante, serão indicados no corpo do texto, os fólios correspondentes a este conjunto de manuscritos.

<sup>5</sup> “Cap. 1.º das festas que se fizerão ao aleuantar do masto; Cap. 2.º do aluoroço desejo e feruor *que* ouue entre os senhores da terra pera festejarem *Nosso Beato Padre*; Cap. 3.º das mais festas que se fizerão da 2.ª feira atee a 6.ª uespora do *Beato Padre*; Cap. 4.º das festas *que* se fizerão na vespera do *Beato Padre* Ignacio; Cap. 5.º do *que* se fez dia do *Santo* e do grande concurso de gente *que* então ouue; Cap. 6. do *que* se fez ao domingo; Cap. 7. do *que* se fez nos tres dias seguintes; Cap. 8 e ultimo do *que* se fez da 6.ª feira tee o domingo em *que* se acabarão as festas.”. Transcrição nossa.

vários retábulos já existentes. A igreja já estaria concluída e apta para a realização de cerimoniais, conforme testemunha a biografia de Cristóvão de Gouveia (1542-1622). Foi este jesuíta o responsável pela contratação de pedreiros e de carpinteiros, para executarem as seguintes obras: refeitório, nova portaria e livraria e casa dos noviços, entre outros espaços (Franco, 1714, pp. 176-177).

Fernão Cardim (c. 1549-1625) descreve este edifício, no ano de 1583. Era de pedra e cal de ostra, os cubículos eram grandes, os portais eram de pedra, as portas de madeira de angelim e cedro e a cerca ficava junto ao mar. O edificado tinha ainda quadra, capela, livraria e trinta cubículos com vista para o mar (Cardim, 1925, p. 288). A igreja já se encontrava nesta data com imagens, relicários e outros objectos da cultura material europeia, inscrevendo-se numa prática catequética, que se afirmou, no contexto pós-tridentino, através da presença de esculturas e da proliferação de relíquias. Corrobora esta ideia, entre as diversas formas de produzir imagens (escultóricas e pictóricas) e a decoração do templo, a estrutura que se montou na capela-mor, que agregava uma cruz de prata dourada, com uma relíquia do Santo Lenho, e doze corpos de Santos (quatro de prata e oito de madeira), para além de outras peças de prata, como braços e outras tipologias de relicários, que no seu total perfaziam trinta e duas peças [fl. 229 v.º]<sup>6</sup>.

Em 1610 sabemos, através do relato das festas, que o conjunto edificado tinha um terreiro plano e espaçoso, para onde dava a dita igreja e a portaria, que se decorou de acordo com a ocasião [fl. 230]. O mesmo colégio também tinha um eirado, que saindo da quadra caía sobre o mar, e que era “descuberto a uista”, onde se colocaram entre as dez colunas que tinha, lanternas, “as quais não afermoseaua menos a ordem com *que* se desencontrauão pera de todas as partes se uerem”<sup>7</sup>. Possuía ainda um corredor, com janelas, que também dava para a banda do mar [fl. 231 v.º].

Com a descrição deste conjunto fica-se a conhecer melhor a espacialidade do complexo jesuíta e alguns pormenores da articulação entre o edifício e as armações erigidas nesta ocasião. Fica-se também a compreender o investimento financeiro que foi empreendido nesta celebração, não obstante o facto de desconhecermos pormenores acerca dos padres envolvidos e da angariação de capitais levada a cabo para esse fim.

No espaço público, fora da cerca, foi lançado fogo de artifício e outros engenhos pirotécnicos, segundo a mesma narrativa, como demonstração mais visível do poder económico deste instituto religioso. Os estudantes organizaram um cortejo, evidenciando os seus dotes artísticos, e até padres da ordem de São Bento e seculares parecem ter dinamizado eventos por toda a Baía [fl. 230 v.º]. Essa colaboração parece comprovar que a organização destas festas extravasou a órbita dos jesuítas, tendo agregado essa comemoração outras ordens religiosas.

No mar, os proprietários das caravelas e de outras tipologias de embarcações, que se encontravam ao largo, juntaram-se, acendendo inúmeras lanternas e contribuindo ainda mais para a luminosidade produzida pelo fogo que daí disparavam [fl. 231 v.º]. Aliás, deve-

---

<sup>6</sup> Testemunha também o apreço que existia pelas artes extra-europeias, a descrição de uma outra armação, onde, desta vez, se apresentavam vários panos da Índia com “*muita diuersidade* de passarinhos figuras varias de uarios animais, e mil lauores outros cozidos em ouro, *que* a esmaltauão e fazião tanto mais graciosa, quanto mais uaria, e bem compassada” [fls. 229 e 229 v.º].

<sup>7</sup> A quadra tinha cinco colunas de cada banda, com 14 palmos [3,08 metros] entre cada.

se mesmo afirmar que essa manifestação de apreço deverá ter procurado copiar a festa napolitana, como se pode constatar na leitura da obra *The Life of St. Ignatius Loyola, Founder of the Jesuits*, que nos narra uma situação similar (*The Life of St. Ignatius Loyola*, 1849, p. 249)<sup>8</sup>.

Em terra, vários agentes culturais organizaram um *Triunfo*, com carros faustosamente decorados, onde se armaram dois castelos [fl. 232]<sup>9</sup>. Este foi um dos momentos altos da celebração, pois, tal como em contexto clássico, esta era uma circunstância onde a *performance* e o espectáculo visual estavam ao serviço do poder espiritual, mas também do poder temporal. Esta representação teatral também terá ido buscar as suas origens às celebrações europeias, tal como se pode aferir nas *Fiestas que hizo el insigne Collegio de la Compañia de Iesvs de Salamanca, a la Beatificacion del glorioso Patriarcha S. Ignacio de Loyola* que a antecederam, onde também se “vio en una plaçeta que está à vn lado de la Compañia, vn gran Castillo, que hizieron à su costa vnos Caualleros estudantes de la Congregacion con gran numero de cohetes y luzes” (Salazar, 1610, pp. [26-27]).

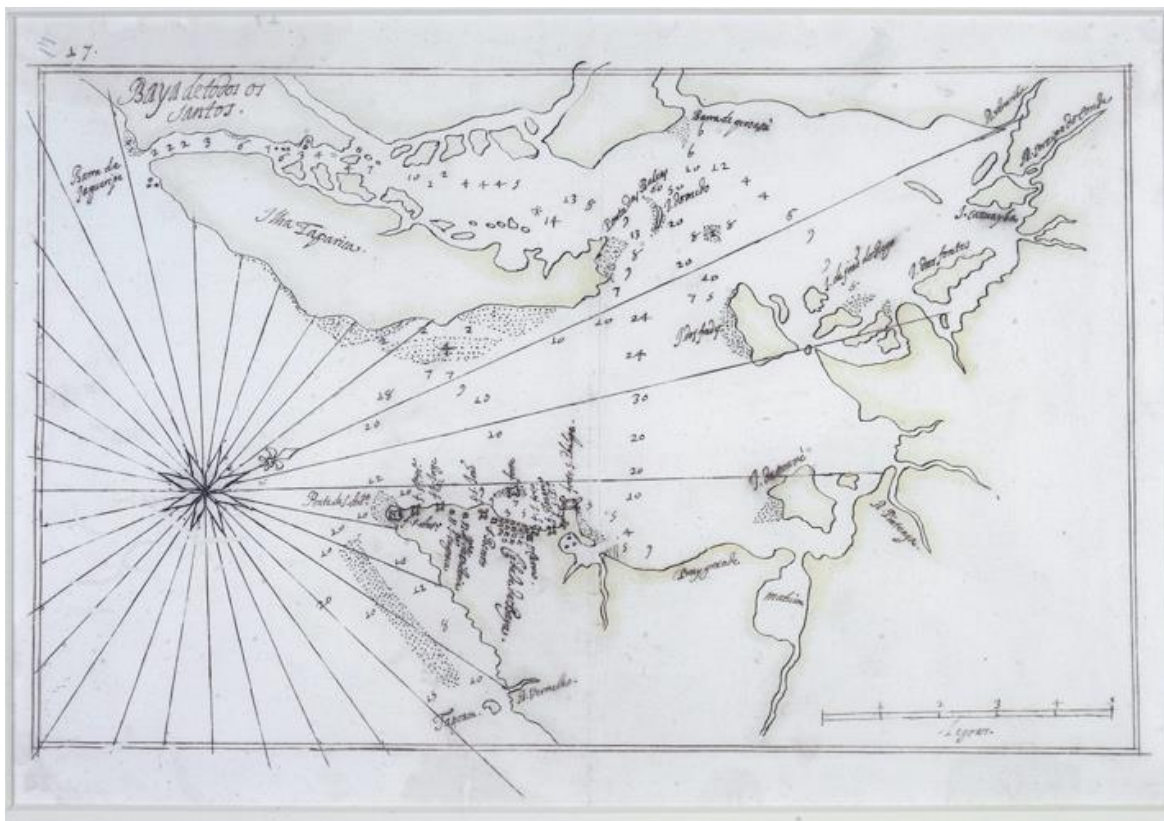


Fig. 1. Baía in [Atlas da costa do Brasil]. BNP, *Cartografia*, CA-107-R.

<sup>8</sup> “In the evening the city seemed in a blaze of fire from the lights at every window, and others in the streets arranged in various devices, affording a brilliant spectacle to the people, and chasing away the night and sleep. On the following day the sea was made to take its part in the demonstration, and friendly ships confronted each other as enemies, and mock battles were represented” (*The Life of St. Ignatius Loyola*, 1849, p. 249).

<sup>9</sup> Num deles ia uma figuração de Cristo, com oito palmos de alto (equivalente a 1,76 metros), erguido numa Cruz, causando, certamente, um grande impacte visual.



com imagens ou cifras, contribuindo assim para uma maior dinâmica visual erudita e de matriz europeia (Dimler, 2001, pp. 1237-1238; Griffin, 2008-2009, pp. 21-39; Martins, 2013, pp. 81-102 e Santos, 2015).

De acordo com o mesmo narrador:

No chapitel da coluna se fixou hum fermoso arco bem pintado o qual tinha dous leões hum de cada parte e sobre outro huma astea com hum guião de damasco branco com seu Jesvs debuxado nelle e por remate de tudo huma cruz muy bem dourada e pintada (...)” [fl. 235]. Essa estrutura comemorativa marcou, portanto, um dos principais pontos onde se desenvolveram as festas, introduzindo uma nota de erudição, identitária da Companhia de Jesus, não só pela presença dos vocábulos latinos, como pelo facto de recorrer a um modelo clássico, o das colunas comemorativas dos “heróis”, agora convertidas em símbolos do catolicismo (Baeta, 2017, p. 217).

Na parte mais alta do frontispício da igreja foi colocada uma grande bandeira branca que no meio tinha uma insígnia: a figura de Jesus cercado de raios e junto dele um Anjo tocando uma trombeta que dizia *Angelus tuba cecinit* [O Anjo tocou a trombeta (*Apoc.* 8, 8)]. Nos dois cantos da igreja encontravam-se mais duas bandeiras: uma delas tinha uma águia com a palavra *Jesvs* no bico e um letreiro que dizia *Aquila tulit medullam cedri* [A Águia levou a medula do cedro (*Ezequiel*, 17,3)]. A outra tinha um braço com um facho na mão, que dizia *Ignem ueni miterere in terram* [Eu vim trazer fogo à terra (*Luc.* 12, 49)] [fl. 235 v.º]. Embora a inscrição na filacteria não corresponda à que ilustra o frontispício da segunda parte da obra *Oriente Conquistado a Jesu Christo*, da autoria do padre Francisco de Sousa, o modelo da ave não devia diferir muito da que se encontra gravada na portada do mesmo livro (Sousa, 1710).

As festas tiraram ainda proveito da geografia do Rio de Janeiro, iluminando com fogo os vários montes que estão

em torno desta fermosa bahia, entre os quais há dous que distão huma legoa desta cidade mais nomeados por serem muito mayores que todos os mais, hum dos quaes se chama o Frade, o outro he o famoso Pão de Açucar. [fl. 235]

Os estudantes do colégio, à semelhança do que já acontecera na Baía, desfilaram por diversas vias, vestidos de soldados “com muy ricas cadeas de ouro ao pescoço Espadas prateadas e douradas e com todos os mais petrechos necessarios pera este acto” [fl. 235 v.º]. Concorreram ainda a esta festa, beneditinos, franciscanos e os moradores da Várzea.

A grande celebração na igreja deu-se a 30 de Julho, estando esta bem ornada. O narrador, a propósito dessa questão, menciona o seguinte:

quero tocar breuemente no ornato, e armação da Igreja a qual esteue tambem ornada e composta *que* ouui dizer a algumas pessoas que tinham uindo do Reyno; e se tinham achado em Portugal noutras festas do Santo Padre Ignacio e me affirmarão que não tinham uisto cousa tam lustrosa, e apraziuel, e porque a Igreja he muy grande e alta senão se podião na cidade ajuntar tantas cedas pera *que* se pudesse armar determinou sse suprir esta falta com papeis de uarias pinturas, e assy se fez ajudando muitos esta traça hum insigne pintor que de Lisboa tinha uindo. [fl. 236]

A descrição que acima se apresenta deverá, no entanto, ser problematizada, já que o próprio autor não testemunhou as festas de Portugal, recorrendo a informações de terceiros.

Quanto ao corpo da igreja, foram construídas colunas com várias tarjas e arcos de várias cores. Foram também armados muitos frontais coloridos, simulando altares e capelas, dentro das quais se edificaram diversos retábulos e painéis de Santos. Complementava este teatro visual, uma quantidade significativa de “castiçais, alampadarios, cruzes, turibolos e tudo o mais”, uns tocheiros dourados que tinham vindo de Portugal. Na capela-mor deverá ainda referir-se a presença de um sacrário com a forma de uma charola quadrada e um painel com a imagem de Inácio de Loyola com o *Livro das Constituições* [fl. 236 v.º e 237]. O arco da capela-mor foi preenchido com rosas, boninas e outras flores, e vários frutos, como limas, marmelos e cachos de uvas, tudo em cera [fl. 236 v.º]<sup>10</sup>.

#### O tecto da igreja

representava hum fermoso ao esmaltado e marchetado de uarias estrellas e planetas, resplandecião os sete planetas com muita ordem e proporção. O sol estaua sobre o retabolo tamanho e tam resplandecente *que* parece tudo a lamina . . . . Esteue *tambem* no mesmo tecto o fermoso zodiaco com seus doze celestes bem pintado e postos muito a preposito e em proporção tendo todos *tambem* seus rotolos em louuor do nosso *Santissimo* Patriarcha ... [fls. 236-236 v.º]

Quanto a esta temática, a astrologia era, à data, uma disciplina considerada científica. Era leccionada, entre outros locais, na Universidade de Lisboa, e, no contexto da Companhia de Jesus, era ministrada na Aula da Esfera, pelo que não é de estranhar que este tópico com um grande potencial visual fizesse parte dos programas decorativos postos em prática pelos jesuítas da Assistência Portuguesa (Leitão, 2008, p. 20 e Ribeiro, 2014, pp. 131-144).

Relativamente ao mar, atente-se ao facto de também ser palco de festas. Os estudantes contribuíram com um cortejo de seis canoas; vários navios deram salvas com mosquetes; a torre do mar também foi ponto de partida de surriadas<sup>11</sup> e de outras descargas pirotécnicas [fl. 238 v.º].

### Pernambuco: cerimoniais na “villa de Olanda”

As festas em Pernambuco (Fig. 3) foram alvo de uma descrição mais detalhada. Tiveram início a 31 de Julho de 1610 e, apesar de o seu narrador nunca explicitar o local onde se realizaram, vários são os indícios que apontam para o colégio de Olinda. As referências à “rua nova”, “à vila” e “à Misericórdia” remetem para a então sede da capitania de Pernambuco. Já a referência a “esta villa de Olanda” corrobora também esta identificação com o colégio de Olinda e permite-nos, simultaneamente, datar este documento como sendo posterior ao ano de 1624, uma vez que foi nessa data que essa terra

---

<sup>10</sup> Esta cenografia deve ser equacionada numa época em que proliferavam os trabalhos em cera e onde se exaltava o sentido eucarístico das uvas.

<sup>11</sup> Descarga de tiros, salvas ou morteiros.

foi ocupada pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, tendo ficado a partir dessa data conhecida como “villa de Olanda”.

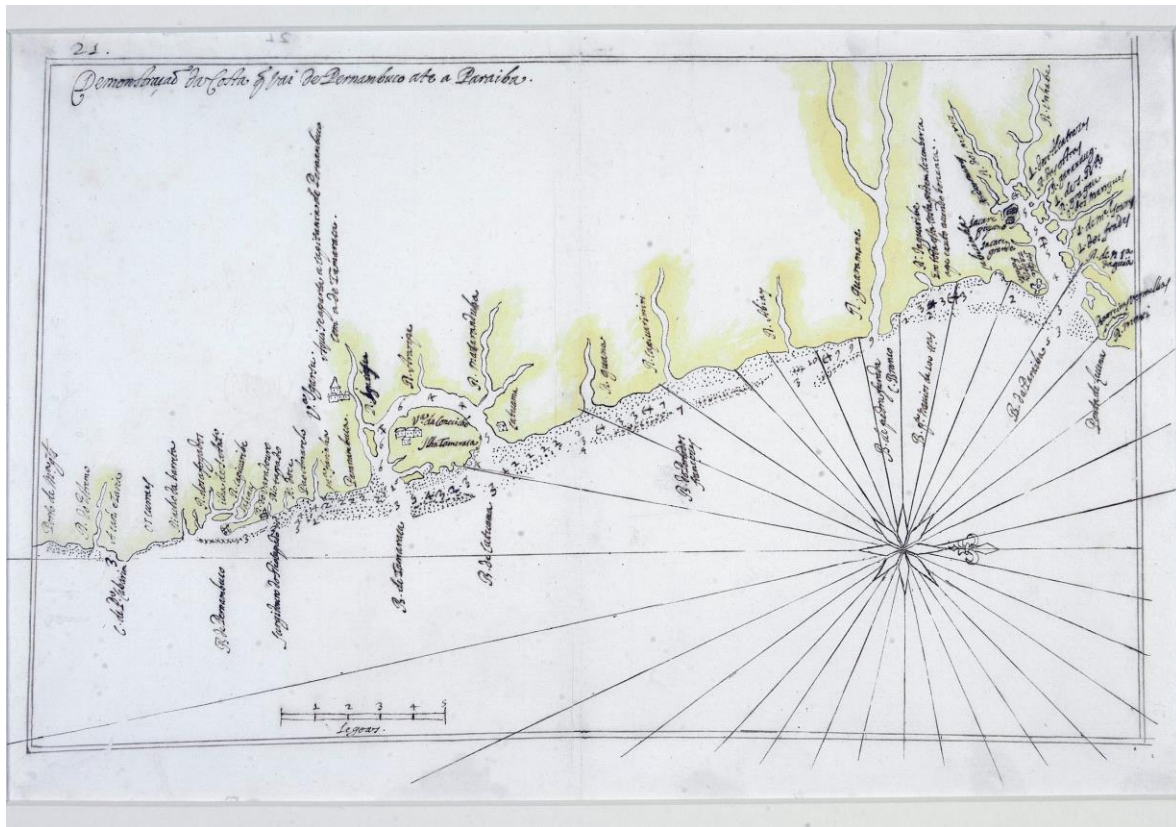


Fig. 3. Costa que vai de Pernambuco até Paraíba in [Atlas da costa do Brasil]. BNP, *Cartografia*, CA-107-R.

Interessa referir que o documento intitulado “Relação das festas que se fizerão ao Nosso Beato Patriarcha Inacio de Loyola, neste Collegio de Pernambuco na era de 1610” encerra, para além da descrição das festas, dados importantes sobre o tecido social de Olinda no primeiro quartel do séc. XVII, uma vez que são mencionados os diferentes actores e o seu papel nestes cerimoniais. Assim, assistimos à participação dos estudantes do colégio, tendo estes desfilado pelas diversas vias do local descrito. Mas, também acompanhamos o cortejo de noventa homens a cavalo, pertencentes a um estrato social elevado, talvez à nobreza, situação confirmada pela forma como se apresentaram: “com muy ricos jaezes, libres, lanças, pendoens, e outras insignias militares” [fl. 240].

É possível quase reconstituir o palco destas celebrações. À semelhança do que ocorreu nas festas do Rio de Janeiro, foi edificada uma coluna de grande altura, com cerca de 22 metros, em frente ao colégio de Olinda, encimada por uma bandeira, cuja iconografia se desconhece. O aspecto cenográfico foi complementado com uma máquina<sup>12</sup>, cuja descrição, embora extensa, merece ser lida nas palavras originais:

<sup>12</sup> De sessenta e seis palmos [1452 cm].

Era a coluna de obra corinthia em sua composição e *proporção* bem acabada estriada e pintada de azul, a base se uia de amarello com seu colar atee no terço da mesma cor o capitel mostrava sua folhagem de sera conforme sua porporção e medida cujos releus erão de emcarnado, o taboleiro de cima com suas molduras, de amarello realcaua muito esta obra, cujo pedestal não era menos pera uer, por estar com toda perfeição em sua bace e cornija refendido tendo em cada hum dos lados huma tarja muy bella pintada com seu letreiro da escretura trazido a proposito tinha este de comprimento doze palmos *que* com a coluna e chapitel que era de 33. fazião 45. em cima tinha hum remate quadrado de dez palmos jaspiado, e guarnecido com faxas de azul guardando sua boa correspondencia, e uiuos da coluna sobre este remate se uia hum globo de quatro palmos deametros sobre o qual estaua o *Santo* de sete palmos com hum resplendor na mão direita no meio do qual estaua o *Santissimo* nome de Jesv, e na esquerda tinha as Constituições. [fl. 241 v.º]

No interior da igreja foram colocados seis painéis a óleo, com molduras douradas e com cenas da vida do Santo. Não são identificados os autores e não são fornecidos mais elementos iconográficos sobre estas obras. Havia também festões, frutos de cera, muitas rosas e boninas, à semelhança do programa decorativo escolhido para o interior da igreja do Rio de Janeiro. Pelo facto de a igreja ser particularmente alta, tentou esbater-se esse aspecto com a criação de vários registos em seda de várias cores. Numa das cornijas encontrava-se uma imagem de Inácio de Loyola, ladeada pelas dos apóstolos Pedro e Paulo [fl. 242]. Relativamente a este conjunto de imagens, não é possível identificar os materiais de que seriam feitas, nem o seu local de produção, nem os seus autores. O documento também não fornece elementos sobre a aquisição destas peças. Teriam sido enviadas de Portugal ou realizadas no Brasil?

A festa da igreja foi acompanhada por uma procissão. Nesta participaram representantes de todas as confrarias da vila, clérigos e padres da Companhia. No cortejo, que saiu da igreja, foram exibidas relíquias [fl. 243 v.º] e a celebração parece ter culminado com a realização de um *Teatro* [fl. 244]<sup>13</sup>.

Acrescentou-se ainda outra festa em 1611, com vista a celebrar a chegada de uma imagem de Santo Inácio de Loyola, enviada de Lisboa para Pernambuco [fls. 249-251 v.º]. Esta imagem demorou a chegar devido às condições atmosféricas, as quais impediram, por várias vezes, o seu desembarque. Foi, aliás, necessário o padre reitor do colégio enviar dois padres e alguns indígenas para Paraíba, a fim de trazerem por terra a já mencionada escultura [fl. 249].

A 15 de Maio desse ano, chegou finalmente a imagem. O documento permite compreender o ambiente de religiosidade com a qual foi recebida e, se fosse necessário encená-lo, sabemos que se escutava o *Te Deum*, acompanhado de repiques e de charamelas. No domingo seguinte ornou-se a capela dos irmãos, cujo tecto tinha, segundo o narrador, a forma de carro triunfal, com quartões e “repartimentos dourados”, para melhor recebimento da mesma e a partir da qual saiu uma procissão. A descrição do espaço revela a importância concedida à iconografia dos membros mais célebres da Companhia, pois refere, para além

---

<sup>13</sup> A estrutura deste era rematada por quatro pirâmides, de 22 palmos [484 cm], que, por sua vez, eram rematadas por globos. Estes, segundo o autor do relato, pareciam mais de mármore “*que de madeira cuberta de papel*”, o que não só indica a boa execução, como o domínio da técnica do *papier mâché*.

da escultura, a existência de nove painéis da vida de Santo Inácio, assim como de “hum lindo painel do *Beato Xauier* arrebatado em Deos *que* parece arrebatat os corações de quem o ue” [fl. 249 v.º]. Infelizmente nada se conhece sobre a autoria destas obras, não se tendo conservado destas qualquer registo iconográfico.

Para celebrar este momento foi feita outra procissão, acompanhada de manifestações populares, já que, segundo o relato em análise, não faltaram danças e outras folias [fl. 249 v.º]. Esta procissão estendeu-se a toda a vila, uma vez que percorreu com carros triunfais as suas mais importantes vias, desde a Misericórdia até à igreja do colégio. O carro que transportava a imagem do Beato Inácio era cercado de anjos e decorado com muitas flores feitas de cetim. O seu aparato culminava com as representações da Fé, da Conversão das Almas e do Amor Divino, com as suas insígnias. Havia ainda pavilhões e outras armações efémeras, nas quais se encontravam representadas as *Quatro partes do mundo* [fl. 251 v.º]. O documento em estudo surge na sequência da *Carta Anua* de 1612, na qual já eram referidos os carros triunfais onde seguiam as figurações da América, da Ásia, da Europa e de África, bem como outros, com as representações do Colégio, da Igreja e da Vila de Olinda<sup>14</sup>.

### Os agentes culturais: o lugar dos membros da Companhia e a acção de actores externos

Os jesuítas no Brasil e em outras partes do mundo rapidamente desenvolveram estratégias para suprirem a falta de mão-de-obra local (Leite, 1953). Logo, na carta do padre Luís de Grã (1523-1609) a Inácio de Loyola, datada de 27 de Dezembro de 1553, ficava atestada a importância de os moços locais aprenderem ofícios com os que iam de Portugal, para maior rapidez da construção de edifícios (Leite, 1940, p. 166). No caso em estudo assistimos precisamente à contratação de oficiais mecânicos pelo Visitador Cristóvão de Gouveia. As fontes abordadas mencionam que Gouveia terá inclusivamente dado escravos aos oficiais mecânicos para que estes pudessem aprender esses mesteres (Franco, I, 1714, pp. 176-177). Esta informação deverá, no entanto, ser problematizada, uma vez que não é possível certificar a sua veracidade. Certo é que os jesuítas tiveram um papel importante junto dos habitantes da comunidade onde residiam, não só ensinando ofícios, mas orientando-os nas suas tarefas. Eram, portanto, responsáveis por diversas empreitadas, maiores, mas também davam resposta a construções mais específicas, de menores dimensões, necessárias para a realização deste tipo de festividades.

Embora não seja possível identificar quais foram os jesuítas que estiveram nos bastidores destas cerimónias, devemos levantar a hipótese de alguns membros da Companhia terem sido responsáveis pelo planeamento, concepção e concretização dos programas decorativos destas celebrações. Quem foram, afinal, os autores das estruturas de madeira e da sua pintura? Quem armou os têxteis? Quem foram os artistas que deram forma às flores e frutos que se multiplicaram nos interiores das igrejas dos colégios? A todas estas questões não é possível dar uma resposta concreta. Porém, as fontes provam uma articulação estreita entre os padres da Companhia de Jesus e os locais, nomeadamente os artistas, para a criação e dinamização destas festas.

---

<sup>14</sup> ARSI, Bras. 8, Fls. 118-119 (Leite, V, 1938, pp. 420-421).

Mais certa e destacada no texto parece ter sido a acção dos membros da Companhia nos *Ofícios Divinos*, sendo, por diversas vezes, mencionados os reitores e alguns padres e irmãos. Com efeito, salienta-se a intervenção do padre Manuel de Lima (?-1620), Visitador (1607-1610)<sup>15</sup>, que cantou nas Vésperas que se organizaram no colégio da Baía; e do padre Henrique Gomes (1555-1622), Provincial (1609-1615), que pregou nas celebrações do mesmo colégio [fl. 231]. Também o reitor Simão Pinheiro (1618-1621) presidiu à missa no colégio de Pernambuco [fl. 243 v.º].

Contribuíram, igualmente, para estas celebrações alguns membros do clero secular e de outras ordens religiosas. Foi possível identificar, relativamente ao primeiro grupo, a figura do bispo da Baía de Todos-os-Santos, D. Constantino Barradas (1550-1618). Este participou num jantar que antecedeu uma cavalgada, vários jogos e escaramuças. Já a participação do segundo grupo, nas festas do Rio de Janeiro, fica atestada pelos padres beneditinos, franciscanos e carmelitas, os quais foram responsáveis por um espectáculo de cruzamento de fogo de artifício, que tirou partido da orografia dessa cidade. Cada convento, localizado em colinas distintas, lançou fogo do seu espaço, ritmando, assim, o aparato pirotécnico [fls. 236-237].

Fora da igreja, muitos foram os que colaboraram nestas festas. Os documentos em estudo permitem reconhecer o envolvimento de pessoas de diferentes camadas sociais. Em primeiro lugar, menciona-se a participação nestas festas de vários funcionários do aparelho de Estado (Tinhorão, 2000). Dessa situação é exemplo Diogo de Meneses (1553-1635), Governador da Baía [fl. 230]. Mas, estes actores nem sempre surgem identificados. Além destes actores, salientem-se os militares, certamente com funções no governo, sendo por várias vezes somente referidos pela sua patente (Capitão, Alferes e Sargento). Todavia, constitui excepção a esta regra, a menção, mais específica, ao Capitão-mór Afonso de Albuquerque<sup>16</sup>, que é reportado a propósito das festas do Rio de Janeiro, como sendo um destacado assistente dos *Ofícios Divinos* [fl. 235].

Alguns agentes são apontados de forma particular. É o caso de Tomé de Alvarenga (c. 1564-c. 1618), Ouvidor e Oficial da Câmara do Rio de Janeiro, que participou nas festas da beatificação de Inácio de Loyola, com os seus filhos e o genro, Manuel Correa Vasques (c. 1600-1648) [fl. 235 v.º]<sup>17</sup>. Sabe-se que estes foram responsáveis pela organização de uma encamisada<sup>18</sup> e uma cavalgada nessas festas [fl. 237 v.º]. Relativamente a estas personalidades, sublinhe-se o facto de estarem ligadas a uma forma de poder oligárquica, uma vez que a filha de Alvarenga casou com o filho de Martim Correia de Sá (c. 1575-

---

<sup>15</sup> Manuel de Lima, para além de Visitador do Brasil, foi reitor da Universidade de Évora e do Colégio das Artes de Coimbra e Henrique Gomes destacou-se no seio da Companhia de Jesus por governar a Província do Brasil, mas também por ter sido Procurador do Brasil em Roma e ter desempenhado, já no final da sua carreira eclesiástica, funções de Visitador (Leite, VII, 1949, pp. 8-9 e 11-12).

<sup>16</sup> Desconhecem-se as datas de nascimento e morte de Afonso de Albuquerque, mas sabe-se que era irmão de Jerónimo de Albuquerque (c. 1510-1584) e foi o sucessor de Martim Correia de Sá (1575-1632), na qualidade de governador da capitania, tendo tomado posse em 1608 e governado até 1613.

<sup>17</sup> <https://www.geni.com/people/Tomé-Correia-de-Alvarenga/6000000015420985796>.

<sup>18</sup> Mascarada ou brincadeira noturna, onde os participantes se disfarçavam.

1632), governador do Rio, sendo, portanto, cunhada de Salvador Correia de Sá e Benevides (1602-1688), alcaide-mor da mesma cidade<sup>19</sup>.

Ainda na relação das festas do Rio de Janeiro, devem destacar-se os “*Senhores da Camara da Cidade*” que marcaram a presença formal da edilidade, com as suas insígnias e outros elementos visuais identitários [fl. 237 v.º].

Por fim, nas festas de Pernambuco teve um papel activo o capitão-mor Alexandre de Moura, o qual desempenhou as funções de tenente-governador dessa capitania. Esta personalidade encabeçou a organização de torneios e de outros exercícios militares, o que não será de estranhar dada a sua proximidade aos jesuítas, a qual foi possível comprovar através do cruzamento com outras fontes documentais, nomeadamente uma carta datada de 1607, na qual informava a Coroa do início da missão jesuíta no Maranhão<sup>20</sup>.

### Os programas: da transferência e da sua adequação

Pese embora a circunstância de não se conhecerem até à data registos gráficos destas festas, deve considerar-se a hipótese da sua concepção ter radicado nos planos de matriz europeia. Quando analisadas paralelamente as descrições das festas europeias com as que se realizaram no Brasil, as quais são alvo deste artigo, muitos são os pontos em comum nos seus programas decorativos. Em todas estas cerimónias se ergueram mastros nos terreiros dos colégios, marcaram presença as luminárias e as imagens de Santo Inácio de Loyola nos diferentes passos da sua vida<sup>21</sup>.

As imagens, quer tenham sido imagens de vulto ou pintura, foram os elementos centrais e agregadores de todas estas festas.

A descrição das festas da Baía é omissa relativamente à presença de uma ou mais imagens, que seguramente terão existido, mas a narrativa das festas do Rio de Janeiro dá-nos conta da existência da

imagem do *Beatissimo Padre Ignacio* com hum liuro das constituições nas mãos com huma letra por cima que dizia *Ad maiorem gloria Dei* [Para maior glória de Deus] a qual imagem estaua posta sobre o sscrario em huma charola quadrada muy bem guarnecida por dentro e fora com muitas sedas e ouro que causauão muita deuoção. [fls. 236 v.º-237]

---

<sup>19</sup> Destaque-se ainda a participação de D. Francisco de Sousa (c. 1540-1611), filho do conde do Prado e Senhor de Beringel, e de seus dois filhos D. António e D. Luís, que, embora menos activos do que os membros da família Alvarenga, foram espectadores de toda esta acção. D. Francisco de Sousa, para além de ter desempenhado entre 1591 e 1602 funções de 7.º Governador do Brasil, regressou a esse país em 1609, para novo mandato, onde assistiu a esta efeméride e onde morreu em 1611 (Leite, II, 1938, pp. 169-171).

<sup>20</sup> ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mc. 115, nº 8: Carta de Alexandre de Moura para o Rei a dar conta de que executou o que se lhe ordenou sobre os navios que se suspeitava fossem tomar carga ao Rio de Janeiro, que se ficava dispoendo para o assalto das quatro naus, conforme aviso régio, que tentavam desembarcar naquele porto de Olinda, a quem o monarca devia socorrer com munições de guerra, pela necessidade em que estava e que os padres da Companhia já tinham iniciado a missão do Maranhão.

<sup>21</sup> Na impossibilidade de tratar de todos as transferências de arquétipos possíveis, optámos por analisar algumas das que no nosso entender têm sido menos estudadas.

Em Pernambuco, sabemos, por sua vez, que as festas contaram com um “Santo de sete palmos com hum resplendor na mão direita no meio do qual estaua o *Santissimo* nome de Jesv, e na esquerda tinha as Constituições” [fl. 241 v.º], que, embora cumprindo o propósito devocional, não deveria ter a qualidade artística desejada, pois, só assim se justifica a vinda de uma outra imagem, que, como foi acima dito, deu origem a outra celebração.

Lamentavelmente, nenhuma das descrições nos informa acerca do material ou mesmo de se tratarem, ou não, de imagens de vestir. O que é certo é que estas representações de vulto parecem ter sido concebidas à semelhança das veneradas nas festas da nação de Inácio de Loyola, como comprova o relato das festas de Valladolid, onde a imagem é descrita com os seus atributos iconográficos. Numa das mãos tinha um Menino Jesus em ouro e, na outra, um Livro (das *Constituições*). Vestia manto e sotaina ricamente decorados com jóias e outras peças de pedraria, tudo avaliado em 150.000 ducados (Sossa, 1610, pp. 5-5 v.º).

Nas festas de Granada também foi exibida a imagem do Patriarca, em tamanho real, igualmente descrita com manto e sotaina, mas, desta vez, ostentando uma espada, com que combatia a Idolatria e a Heresia. O conjunto também estava debaixo de um dossel, e fora avaliado em 800 ducados, ficando, portanto, muito aquém do de Valladolid (*Relacion de la Fiesta ... de Granada*, 1610, pp. 16-16 v.º).



Fig. 4. Imagem de Santo Inácio de Loyola. Juan Martínez Montañés e Francisco Pacheco. 1609/1610. Igreja da Anunciação, Sevilha.

Em Sevilha foi encomendada uma imagem, a qual ainda hoje se pode observar na igreja da Anunciação dessa cidade, a Juan Martínez Montañés (1568-1649), com pintura de Francisco Pacheco (1566-1644) (Coloma, 2014, pp. 153-207), em tamanho natural (Fig. 4). O relato das festas dessa cidade descreve-a com manto e batina, o que indicia que estas imagens, mesmo tendo excepcionais qualidades escultóricas, podiam ser vestidas (*Relacion Svçinta ... de Seuilla*, 1610).

Na Casa Professa de São Roque, em Lisboa, a imagem do recém-beato, cuja autoria ainda não se conseguiu esclarecer, também era, segundo o testemunho coevo, uma escultura com “. . . sete para oito palmos dalto”, estofada. Na mão esquerda tinha o *Livro das Constituições* e, na direita, uma cruz de prata [fls. 154 v.º-155] (Coutinho et al, 2020, p. 180).

De acordo com as anteriores evidências, conclui-se que, mais do que o decalque de uma matriz europeia, veiculada por algumas das fontes apontadas nas notas prévias, a iconografia da imagem da festa de Inácio de Loyola deverá ter sido, neste caso concreto em estudo, previamente definida, com pequenas variações no que refere aos atributos iconográficos (Page, 2019, pp. 63-75).

Outro dos momentos altos da festa foi indubitavelmente a recriação de alguns dos episódios mais marcantes da vida de Inácio de Loyola, como o da sua conversão na sequência da batalha de Pamplona em 1521 (Fig. 5). Essa encenação articulou, em quase todos os exemplos que iremos apontar, a construção efémera combinada com a pirotecnia, imprimindo um espectáculo visual de grande singularidade.

Na Baía foi armado um “teatro em quadro”, ou um tablado, e nele se armou “hum castello cuberto de papel pintado a modo de muros, ameyas e torres pellas quais estauão metidas uellas”, lanternas de várias cores e bandeiras, onde se lia: a *Ignatio Loyolæ Societatis Jesvs fundatori* [A Inácio de Loyola fundador da Companhia de Jesus] [fl. 230 v.º]. No Rio de Janeiro erguia-se, por sua vez, uma torre de madeira branqueada, a qual se identificou como sendo o castelo de Pamplona. Esta estrutura tinha

dous quadros com suas ameas *que* ficaua alguns palmos sobre a agoa: tinha cada face trinta palmos de Largo e doze de alto, sobre este uinha outro quadro de largura de 20. palmos de altura uinte e quatro sobre este segundo quadro sobia hum corucho oitauado de quinze palmos de alto com sua bandeira em cima trazia esta machina oito peças de bronze. 11. esmirilhões e obra de 40. mosquetes. [fl. 237 v.º]

Em Pernambuco a opção foi outra. O já mencionado capitão Alexandre de Moura organizou um torneio a cavalo, no qual se representava a si próprio como um soldado do rei na defesa do castelo de Pamplona, tal como Iñigo López de Oñaz y Loyola havia agido na guarda de Carlos V (1500-1558) [fl. 239 v.º]. Reforça a ideia de um projecto comum, variável quanto aos materiais e representações, o facto de sabermos que nas festas de Sevilha também foi encenado um teatro no pátio do colégio, no qual um dos figurantes “estaua caydo, y estropeado dela pierna, al pie del Castillo de Pamplona, donde se proponia entre quatro figuras Astrologicas *que* representauan, mundo, carne, demonio, y Angel de la guarda” (*Relacion Svçinta ... Seuilla*, 1610, s/ n.º pp.). Outra prova desta realidade é que, nas festas de Salamanca, ergueu-se numa praça, ao pé da casa da Companhia, “vn gran

Castillo, que hizieron à su costa vnos Caualleros estudiantes de la Congregacion con gran numero de cohetes y luzes” (Salazar, 1610, pp. [26-27]).

Por fim, também nas festas de Cuzco, diante da porta da igreja, “hizieron vn castillo en que pusieron vna gran rueda de poluora, y antes de darle fuego ardián vnas grades ollas de pez y resina . . .”, replicando o modelo anteriormente ensaiado (*Relacion de las Fiestas ... del Cvzco*, 1610, p. 3).

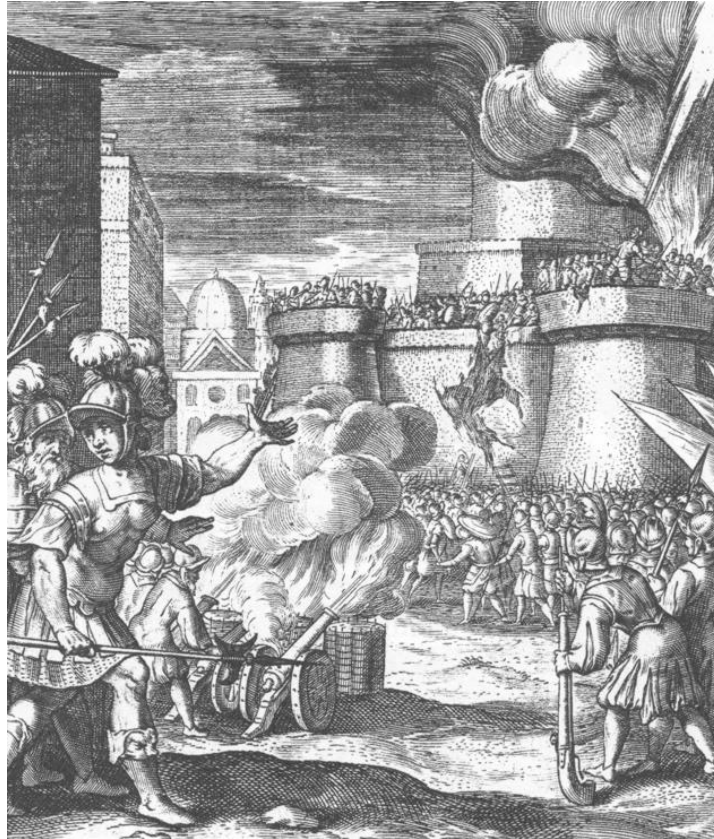


Fig. 5. Representação da batalha de Pamplona. Peter Paul Rubens. In Ribadaneyra, P. (1609). *Vita Beati P. Ignatii Loiolae Societatis IESV Fvndatoris*. [Roma]: [s.n.].

### Os rituais de sociabilização: entre a integração do tema erudito e o ajuste à prática vernácula

Entre as várias práticas de sociabilização que sabemos terem ocorrido no contexto destas manifestações efêmeras, destacam-se a música, a dança e os jogos, mas também façanhas que envolveram animais. Essas produções cenográficas incorporavam os modelos europeus, mas também os locais, tanto de indígenas como de colonos.

A componente musical esteve sempre presente nos eventos jesuítas ao serviço da evangelização e da conversão dos indígenas (Kennedy, 2003, pp. 229-308 e Kennedy, 2007, pp. 1-29). Nas festas da Baía, por exemplo, há referências à música tocada e cantada por religiosos de diversas ordens, com referenciais europeus e com recurso a instrumentos de proveniência clássica, como o órgão, de génese grega, que os religiosos de São Bento

disponibilizaram para o evento [fl. 229 v.º]. Nas festas do Rio de Janeiro, por sua vez, são mencionados estudantes que tocavam pandeiros e violas de origem vernacular, chamando sobre si a atenção e convocando a participação dos assistentes [fl. 235 v.º]. Mas, na mesma cidade também se recorreu a modelos eruditos:

cantarão coros, e com uarios instrumentos musicos entre os quaes ajudou muito huns orgãos excellentes *que* tinham chegado *para* os *Padres* de Sam Bento os quaes *por serem* nouos na terra e te então nunca uistos causauão assas deução, e alegria. [fl. 237]

Em Pernambuco fizeram-se ouvir tambores, cestos, pandeiros, violas e outros instrumentos “tangendo e cantando mil chacotas em louuor do Santo” [fl. 240 v.º]. E, em conformidade com os casos anteriores, também aqui foram introduzidos instrumentos de música clássica, tais como a harpa, o cravo, o realejo, a rabeça e o órgão, destinados a serem apreciados por grupos mais eruditos [fl. 242 v.º].

A integração multicultural sente-se num dos cortejos das festas de Pernambuco, em que:

Indios uestidos em humas uestes de linho aluas e compridas tomadas a mourisca com o pescoço, e braços descubertos, na cabeça em lugar de trunfas, leuauão humas caraminholas com suas bandas cubertas de lata, na mão leuauão cada hum seu facho de mòr luz *que* huma grande tocha, por serem de pao proprio pera isso. [fl. 245]

Nessas festas, segundo o relato, terá havido “muy boa musica dos mesmos Indios, que por serem muy destros no canto cantauão pellas ruas por onde hião muitas chanconetas, e psalmos, a dous choros” [fl. 246].

Estes actos, que não eram inéditos, iam ao encontro das práticas encetadas à chegada dos jesuítas ao Brasil. Em 1549 o padre Manuel da Nóbrega (1517-1570) relata o fascínio que a música dos jesuítas exerce nos brasileiros, a que acresce o facto de em 1553 os jesuítas terem fundado “a primeira escola de música do Hemisfério Ocidental”, onde, além de ler e escrever, ensinavam as crianças a cantar e a tocar flauta (O`Malley, 1993, p. 94). Já o envolvimento de nativos em danças, em Pernambuco (1584), na Baía (1584), em Niterói (1586) e, novamente, na Baía, aquando da realização de um teatro, tem vindo a ser divulgado e comprova a ideia de que estes actos performativos tinham raízes mais antigas do que aquelas em análise (Tejón, 2001, p. 2784).

Os diversos jogos, como o da argolinha e as escaramuças de lanças e adargas, bem como as façanhas que envolveram cavalgadas e animais, foram também, à data, momentos mobilizadores de diversos agentes, quer fossem estudantes ou membros da comunidade local. A título de exemplo, refiram-se as festas do Rio de Janeiro, onde se “correram patos e argolinhas” ao som de flautas e outros instrumentos musicais [fl. 238 v.º]; ou as festas de Pernambuco, onde a tentativa de cortar a cabeça a um galo, que se encontrava pendurado por uma corda, parece ter sido particularmente aplaudida, por ser “cousa certa de muita recreação, por ser noua e não usada no Brazil” [fl. 240].

Nas mesmas festas, na terça-feira, 3 de Agosto, correram-se touros “assy de pee como de cauallo” [fl. 246 v.º], manifestações que à data eram comuns nas festas aúlicas, mas também nas festas religiosas, como se comprova na comparação com as festas de

Salamanca (Salazar, 1610, p. [6]) ou nas de Lisboa, onde o duque de Aveiro se deslocou para "jugar canas, e correr touros em honra do glorioso Patriarcha" [fl. 155]. Também em Buenos Aires, onde se exercitaram os mesmos divertimentos, a faceta lúdica das festas parece ter convocado participantes de diferentes condições socioculturais, como se pode ler na respectiva narrativa<sup>22</sup>.

## Conclusão

Apesar do tema das festas jesuítas não ser original, a análise de textos inéditos das que se realizaram pela ocasião da beatificação de Inácio de Loyola na Baía, Rio de Janeiro e Pernambuco, ainda se encontrava por fazer. Assim, partindo da interpretação destes três manuscritos e ainda da relação sobre a chegada de uma imagem do fundador da Companhia a Pernambuco, procedeu-se a uma leitura crítica e contextualizada de alguns aspectos menos abordados nos estudos consagrados, até agora, a este tema.

Foi possível identificar os diferentes agentes culturais destas festas: membros da Companhia, elementos de outras ordens religiosas, individualidades ligadas ao aparelho de Estado e militares. Todos estes se envolveram, ou por motivações relacionadas com o exercício das suas funções, ou por motivações pessoais, ou simplesmente por questões devocionais e mera vontade de participarem na organização de um evento desta natureza.

Questionou-se até que ponto os membros da Companhia assumiram um papel de destaque na planificação e concretização destas festas. Será que a sua articulação directa com as comunidades contribuiu para a sua participação nestes acontecimentos? Importa referir que os jesuítas possuíam sólidos conhecimentos construtivos e artísticos e que conseguiram o apoio das populações locais para a realização das tarefas necessárias. Até que ponto se pode falar numa adequação dos modelos da cultura material europeia à realidade do Brasil?

Os textos encerram dados importantes sobre os programas destas festas: os locais em que se realizaram e a sua decoração, a duração destes momentos, as diferentes tipologias de actos litúrgicos, as procissões realizadas, os teatros e outros aparatos de rua. Foi, ainda, possível indagar as possíveis transferências de modelos e a sua adequação, ou não, ao local onde se inscreveram. Por exemplo, a imagem de Inácio de Loyola e a representação da sua *Conversão*, foram materializadas quer na componente escultórica, quer na dimensão efémera. A escultura, independentemente de poder ser vestida ou não, era sempre de vulto perfeito, em tamanho natural, variando unicamente os seus atributos iconográficos. Já a representação efémera do castelo de Pamplona variou entre elaboradas estruturas de madeira e de *papier mâché*, carregadas de engenhos pirotécnicos, e simples cavalgadas, de matriz erudita. Infelizmente, não são conhecidos pormenores concretos sobre transferências artísticas locais, que certamente terão existido nas decorações.

---

<sup>22</sup> "20. españoles a caballo lenias, costosas, y vistosas labreas pera jugar canas luego en ver-los se pusieron los Indios a caballo, que fueron sus conpetidores, sus libreas, los que arriba dixe y van los caballos en pelo, y con ir sin estribos y sin sillan los corrian, balbian a una y otra parte sin parar con mas destreza, y facilidade que o lo puedo dezir e che su paço corriero unos y otros lançar y para las cnas tomaron adargas los Indios, que mas las habia menester ellos que los otros pues rebaba tan poca defensa en sus librees, y vestidos" [fl. 122].

Por fim, questionaram-se os rituais de sociabilização. De que forma estes, marcadamente de matriz europeia, foram aglutinando práticas e instrumentos locais, utilizando a música e a dança como diálogo intercultural, mas também como mecanismo ao serviço da evangelização.

## Referências Bibliográficas

- Albuquerque, A., S.J. (2005). *Diego de Laínez, S.J. Primer biógrafo de S. Ignacio*. Editorial Sal Terrae.
- Alden, D. (1996). *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond, 1540-1750*. Stanford University Press.
- Arellano, I. (2008). América en las Fiestas Jesuitas. Celebraciones de San Ignacio y San Francisco Javier. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, 56(1), 53-86. <https://doi.org/10.24201/nrfh.v56i1.2384>
- Baeta, R. E. (2017). *A Cidade Barroca na Europa e na América*. EDUFBA, PPGAU.
- Buezo, C. (1993). Festejos y máscaras en honor de San Ignacio de Loyola en el siglo XVII. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Tomo 190, Cuaderno 2, 313-328.
- Coloma, M. Á. L. (2014). Iconografía Barroca de San Ignacio de Loyola y San Francisco Javier. Notas a una exposición. In F. J. M. Medina (ed.). *La huella de los Jesuitas en Granada. Del Colegio de San Pablo a la Facultad de Teología* (pp. 153-207). Facultad de Teología de Granada.
- Cardim, F. (1925). *Tratados da terra e gente do Brasil e de algumas cousas notaveis que se achão assi na terra como no mar* (Introdução e notas de Baptista Caetano, Capristano de Abreu e Rodolpho Garcia). J. Leite & Cia.
- Coutinho, M. J. P., & Ferreira, S. (2020). Aplausos e triunfos em louvor de S. Francisco Xavier: as festas de beatificação nas cidades de Lisboa, Porto e Luanda (1619-1620). In T. F. Morna, A. J. Trigueiros, & M. J. P. Coutinho (coords.). *Missão, espiritualidade e arte em São Francisco Xavier*. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Cremades, F. C., & Fernández-González, L. (eds.). (2016). *Festival Culture in the World of the Spanish Habsburgs*. Routledge.
- Dimler, G. R. (2001). Emblemas, Libros de. In C. E. O'Neill, & J. M. Domínguez (dir.). *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús, Biográfico-Temático* (pp. 1237-1238). Institutum Historicum, Universidad Pontificia Comillas.
- Franco, A. (1714). *Imagem da virtude Em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio do Espirito Santo de Evora do Reyno de Portugal* (Tomo I). Officina Real Deslandesiana.
- González, J. J. M. (1991). Beatificación y canonización de San Ignacio de Loyola. Elementos artísticos de la fiesta.

- Ignacio de Loyola. *Magister Artium en París, 1528-1535* (pp. 461-477). Universidad de Deusto.
- Griffin, N. (2008-2009). Enigmas, Riddles, and Emblemas in Early Jesuit Colleges. *Mosaics of Meaning. Studies in Portuguese Emblematics* (pp. 21-39). Glasgow Emblem Studies.
- Kennedy, T. F. S. J. (2003). Les Jésuites et la Musique. In G. S. J. Sale (coord.). *L'Art des Jésuits* (pp. 229-308). Mengès.
- (2007). Music and the Jesuit Mission in the New World. *Studies in the Spirituality of Jesuits*, 39(3), 1-29.
- Leitão, H. (coord.) (2008). *Sphæra Mundi: A Ciência na Aula da Esfera. Manuscritos Científicos do Colégio de Santo Antão nas Coleções da BNP*. Biblioteca Nacional de Portugal.
- Leite, S. (1953). *Artes e ofícios dos Jesuítas no Brasil, 1549-1760*. Edições Brotéria.
- (1940). Carta do Padre Luiz da Grã ao Padre Inácio de Loyola, da Baía a 27 de Dezembro de 1553. *Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)*. Edições da Companhia Editora Nacional.
- (1938-1949). *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Tomos I, II, V e VII). Civilização Brasileira.
- Leone, M. (2010). *Saints and Signs: A Semiotic Reading of Conversion in Early Modern Catholicism*. De Gruyter.
- Levy, E. (2004). *Propaganda and the Jesuit Baroque*. University of California Press.
- Martins, R. M. A (2013). “La Compangnia sia, come un cielo”: O sol, a lua e as estrelas dos livros de emblemas para a decoração das igrejas das missões jesuíticas na América Portuguesa, séculos XVII–XVIII. *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, 50, 81-102.
- O'Malley, J. W. (2013). *Saints or devils incarnate?: studies in Jesuit history* (pp. 257-259). Brill.
- (1993). *The First Jesuits*. Harvard University Press.
- Page, C. A. (2019). Los primeros retratos de Ignacio y los inicios de la iconografía ignaciana. *IHS. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica*, 7(2), 63-75.
- Relacion de la Fiesta qve en la Beatificacion del B. P. Ignacio fundador de la Compañia de IESVS, hizo su Collegio de la Ciudad de Granada, en Catorze de Febrero de 1610: con el Sermon qve en ella Predico el... Don Sancho da Vila y Toledo, Obispo de Jaen* (1610). Sevilla: En casa de Luys Estupiñan.
- Relacion de las Fiestas qve en la civdad del Cvzco se hizieron por la beatificacion del bienaventurado Padre Ignacio de Loyola, fundador de la Compañia de Iesus, a pedimiento de Don Fernando de Vera y Padilla* (1610). Lima: En casa de Francisco del Canto.

*Relacion Svcinta del Admirable Ornato Qve em La fiesta de la Veatificacion del Beato Padre Ignacio de Loyola, fundador de la insigne Religion de la Compañia de IESVS, se vio em el Templo, Claustros y Patio dela casa de Professos de Seuilla, desde Sabado seys de Febrero, hasta Miercoles en la noche, diez del mismo, año de. 1610* (1610). En Seuilla: Por Bartolome Gomez.

Ribadaneyra, P. (1599). *Flos Sanctorum*. Madrid: Luis Sanchez.

——— (1609). *Vita Beati P. Ignatii Loiolae Societatis IESV Fvndatoris*. [Roma]: [s.n.].

Ribeiro, L. C. (2014). The children of Mercury: the image of the artist and the scientist in medieval astrological text and iconography. In M. A. Miranda, & A. Miguélez (coords.). *Portuguese Studies on Medieval Illuminated Manuscripts. New Approaches and Methodologies* (pp. 131-144). FIDEM.

Salazar, Alonso de (1610). *Fiestas qve hizo el insigne Collegio de la Compañia de Iesvs de Salamanca, a la Beatificacion del glorioso Patriarcha S. Ignacio de Loyola*. En Salamanca: por la viuda de Artus Taberniel.

Santos, L. X. (2015). *A palavra e a imagem: usos da emblemática na Assistência Portuguesa da Companhia de Jesus* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório Digital da UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16640>.

Silva, C. A. T. (2013, 22 a 26 de julho). *Arquitetura, iconografia e devoção: a igreja de Santo Inácio e Nossa Senhora das Vitórias da cidade do Rio de Janeiro* [Apresentação de trabalho]. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social, Natal, Brasil. [http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371254851\\_ARQUIVO\\_Arquitetura,iconografiaedevoacao-versaofinal.pdf](http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371254851_ARQUIVO_Arquitetura,iconografiaedevoacao-versaofinal.pdf).

Sobral, L. M. (2004). “Espiritualidade e propaganda nos programas iconográficos dos Jesuítas Portugueses”. *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII: Espiritualidade e cultura. actas do colóquio internacional* (Vol. I, pp. 385-415). Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto.

Sossa, F. (1610). *Relacion de las fiestas, sermon y oracion latina certamen poetico, y poesias hechas en esta ciudad de Valladolid, en la solenidad de la beatificacion del B. Padre Ignacio fundador dela Compañia de Jesus. En veynte y tres de Nouiembre de 1610*. En Valladolid: por Iuan Godinez de Millis.

Sousa, P. F. (1710). *Oriente Conquistado a Jesu Christo*. Lisboa: Na Officina de Valentim da Costa Deslandes.

Tejón, J. I. (2001). Música y Danza. In C. E. O’Neill, & J. M. Domínguez (dir.). *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesús, Biográfico-Temático* (pp. 2776-2789). Institutum Historicum, Universidad Pontificia Comillas.

*The Life of St. Ignatius Loyola, Founder of the Jesuits* (1849). Vol. II. London: Thomas Richardson and Son.

Tinhorão, J. R. (2000). *As Festas no Brasil Colonial*. Editora 34.

Tomé Correia de Alvarenga (<https://www.geni.com/people/Tomé-Correia-de-Alvarenga/6000000015420985796>, visualizado a 30 de Março de 2020).